
Notas Bibliográficas

AZEVEDO, Marcelo C. de: *Entroncamentos e entrechoques. Vivendo a fé em um mundo plural.* — São Paulo: Loyola, 1991. 231 pp., 21 x 13,7 cm. (Coleção: cristianismo e modernidade; 3) ISBN 85-15-00350-3

Este novo livro do teólogo e antropólogo M. A. é composto de trabalhos do A., já anteriormente publicados cuja íntima conexão é posta à luz na introdução e no epílogo. Uma primeira parte trata de localizar a problemática no atual contexto histórico e eclesial. O A. começa analisando alguns traços do mundo atual bastante relevantes como a queda do comunismo no Leste Europeu e a nova configuração geopolítica mundial, a emergência da ecologia ligada ao pacifismo e a emergência do misticismo, das seitas e a nova relação com o sagrado. Prossegue com a análise da Igreja na sua história recente, vivendo as suas tensões de unidade na diversidade, após o término da grande e estável unidade cultural da cristandade, com a sua religião oficial que se expressava na liturgia, na filosofia e na teologia em latim. Esta Igreja começa um diálogo com o mundo, realiza o Concílio Vaticano II, faz leituras situadas deste mesmo Concílio e tem dentro de si o surgimento de movimentos, da articulação fé-justiça e da opção preferencial pelos pobres.

Neste mundo da modernidade contemporânea e nesta Igreja está a Universidade Católica, atravessada pelas mesmas tensões e conflitos do mundo e da Igreja. A modernidade nasceu em solo cristianizado e se desenvolveu muitas vezes em oposição aberta à Igreja. A modernidade do saber científico-tecnológico prescinde das verdades da fé cristã para sua elaboração, e muitas vezes da ética para sua práxis. A modernidade do primado do econômico e da ideologia individualista gerou as sociedades afluentes e não consegue resolver o problema da pobreza e dos bolsões de miséria. A Universidade Católica é um ponto de inserção privilegiado da Igreja na modernidade, onde esta pode ser conhecida na sua lógica interna e a barreira que as separa pode ser transposta, possibilitando uma troca fecunda.

A Universidade Católica pode ser uma instância crítico-constructiva da sociedade moderna, denunciando o seu lado perverso, do primado do econômico, da ideologia do individualismo, da manipulação dos meios de comunicação de massa, da despersonalização e da desumanização. Pode oferecer alternativas para a sociedade baseadas num humanismo integral, inspirados na ética e na fé cristã; ou pode ser simplesmente uma reprodutora do "status quo", engolida e assimilada por ele.

O A., que é especialista em teologia da missão e em antropologia, expõe com maestria os conceitos de cultura, enculturação, inculturação, transculturação, aculturação e suas implicações para a evangelização, fundamentais para este momento em que se busca uma nova evangelização que possa superar os erros do passado.

O espírito humanista que permeia o livro radica na certeza de que "quanto mais humana for a pessoa, mais profundamente cristã ela se pode fazer. E quanto mais autenticamente cristã, tanto mais inequivocamente humana ela deve ser" (224).

O livro faz jus ao título de *entroncamentos e entrechoques*, pois “não é possível em um mundo plural viver a fé cristã sem *entrechoques*. Estes, porém, não devem conduzir a rupturas estereis ou a radicalizações terminantes e redutoras. Devem antes, ser regidos por dinâmicas fecundas de *entroncamentos* a um tempo integradores e descentralizadores” (16).

Luís Corrêa Lima

MESTERS, Carlos: *O profeta Jeremias — Boca de Deus, boca do povo*. Uma introdução à leitura do livro do profeta Jeremias. — São Paulo: Paulinas, 1992. 152 pp., 18 x 13 cm. (Coleção: por trás das palavras) ISBN 85-05-01377-8

O objetivo imediato deste opúsculo é servir de subsídio para o Mês da Bíblia/92, cujo tema será “Jeremias, profeta desde jovem”, seguindo a temática da Campanha da Fraternidade. C. M. elencou (7-9) dez motivos pelos quais o profeta de Anatólia pode ser apresentado como figura inspiradora para nossa juventude. Entretanto, esta introdução a Jeremias tem um valor que supera a presente eventualidade. Ela será sempre útil em se tratando de conhecer este grande profeta bíblico.

Ao longo dos seis capítulos, divididos conforme a idade do profeta, o A. vai rastreando a experiência profética de Jeremias conectando-a com o momento histórico do povo de Israel, atento para ver “como ele reagia” (18) em cada situação. As inúmeras *linhas do tempo*, espalhadas pelo livro, permitem ao leitor acompanhar, passo a passo, a evolução dos fatos até seu desfecho com a deportação para a Babilônia. A contextualização histórica é seguida por uma precisa contextualização geográfica e teológica. C. M. reconhece-se tributário dos estudos de arqueólogos, historiadores, exegetas cujos nomes não são citados, formalmente, embora os dados de suas pesquisas estejam incorporados em seu trabalho.

Com sua conhecida clareza de exposição, linguagem fácil e acessível, capacidade de esquematizar, C. M. fez uma excelente introdução ao profeta Jeremias. Entretanto, não entendi porque foi dada pouquíssima importância à experiência final do profeta, no Egito (Jr 42-44).

J. V.

ASURMENDI, Jésus: *Amós e Oséias*. / Tradução (do francês) Benôni Lemos. — São Paulo: Paulinas, 1992. 80 pp., 23 x 16 cm. (Coleção: cadernos bíblicos; 54) ISBN 85-05-01163-5

Os volumes desta coleção são sempre bem-vindos. Este é o sexto volume dedicado ao tema do profetismo. J. A. já nos havia brindado com os textos sobre Isaías 1-39 (vol. 6) e Ezequiel (vol. 33). É também de sua autoria uma história do profetismo, traduzida para o português (*O profetismo*. Das origens à época moderna. — São Paulo: Paulinas, 1988). Como se vê, trata-se de um A. conhecido dos estudiosos do profetismo bíblico.

Uma breve introdução (8-10) contextualiza historicamente os dois profetas do Reino de Israel (Norte), cuja atuação se deu numa faixa de tempo bastante próxima.

O profeta Amós é estudado em primeiro lugar (11-42). Após algumas indicações para colocar o leitor na dinâmica da obra amoseana, o A., partindo de textos seletos, estuda temas importantes da pregação do profeta de Técoa: "a justiça social" (Am 2,6-16), "a justiça e o culto" (Am 4,4-5; 5,4-6.14-15.21-27), "o sacerdote e o profeta" (Am 7,10-17). Na "conclusão", é feita uma espécie de resumo da pregação do profeta; e, brevemente, se mostra o processo redacional ao qual foi submetido, bem como a história da exegese do livro. Vários *boxes*, espalhados ao longo desta parte, oferecem "dicas" preciosas para a correta compreensão do profeta: "oráculos contra as nações", "doxologias", "o dia do Senhor", "as visões", "Amós, profeta leigo". Tendo em vista a continuação do estudo do profeta, o A., no final do estudo de cada texto escolhido, oferece "pistas para trabalho", propondo textos novos que o interessado terá a oportunidade de comparar com a orientação de uma série de perguntas.

A parte referente a Oséias (43-76) está organizada segundo o mesmo esquema aplicado a Amós. A introdução é seguida destes temas-textos: "Israel, a esposa" (Os 2,4-25), "a política, o culto e a fé" (Os 5,8-6,6), "Israel, o filho" (Os 11,1-11). E nos *boxes*: "o matrimônio de Oséias", "Baal", "Oséias e o Egito", "Oséias e a monarquia", "Oséias, Moisés e os profetas". Igualmente, são oferecidas "pistas para trabalho", sobre diversos outros textos do profeta. Na "conclusão", encontramos uma descrição de Oséias como teólogo e como profeta. Em poucas linhas, fala-se da história da composição do livro do profeta e da influência por ele exercida sobre os pósteros.

Uma lista bibliográfica comentada é oferecida como subsídio "para continuar o estudo".

A expressão "oráculo charneira" (15), tradução literal do francês, é ininteligível. Não é evidente que, ao expulsar Amós de Betel, "Amasias se esforça para salvar o profeta" (31). Acredito que estamos diante de uma tentativa de fazer calar o profeta, tema comum na literatura profética. Poderia ter sido dedicada uma linha para explicar em que sentido a prostituição sagrada, comum no país de Canaã, não passaria, para "alguns autores" de um "mito historiográfico" (50). Em relação ao termo "touro" aplicado a Javé (52), na expressão *'abîr ia'aqob* ("touro de Jacó"), falta dizer que não temos aí resquícios de baalismo contaminando a fé javista. Trata-se antes de frisar a força, o poder de Javé. Daí ser a expressão, em geral, traduzida como "o Poderoso de Jacó".

Para os já iniciados em estudos bíblicos, o livro de J. A. será um instrumento valioso para aprofundar o conhecimento destes dois luminares da profecia vétero-testamentária.

J. V.

STORNILOLO, Ivo: *Como ler o Evangelho de Mateus*. O caminho da justiça. — São Paulo: Paulinas, 1990. 214 pp., 20 x 13 cm. (Série: como ler a Bíblia) ISBN 85-05-01189-9

A "justiça" (*dykaiosyne*) é uma chave hermenêutica privilegiada para a leitura de Mt. O Evangelista, de fato, quer mostrar a quem pretende fazer-se discípulo de Jesus o caminho de uma "justiça maior", superior às propostas de justiça disponíveis na época (Mt 5,20). Assim como outros autores já haviam feito antes (p.ex. G. S. Gorgulho e A. F. Anderson. *A justiça dos pobres*. Evangelho de Mateus. São Paulo: Paulinas, 1981), a partir do filão aberto por G. Strecker (*Der Weg der Gerechtigkeit*. Untersuchung zur

Theologie des Matthäus. Göttingen: Vandenhoeck-Ruprecht, 1966), I. S. também lê Mt na perspectiva da justiça. A Editora, escaldada pelas sucessivas e intolerantes investidas dos inquisidores de plantão, apressa-se em dizer, deste e dos demais volumes da série, que se trata de “uma chave de leitura” (5). Se por um lado, isto significa afirmar que não estamos diante “da” leitura definitiva de Mt; por outro, quer indicar que inúmeros elementos do tesouro literário e teológico de Mt deverão ficar de fora.

O A. lê Mt com uma aguda consciência a respeito da questão da justiça. Seu interesse, em última análise, consiste em mostrar a pertinência do evangelho para o engajamento cristão atual. As estruturas sociais, políticas, econômicas, religiosas, do tempo de Jesus são um trampolim do qual se mergulha nas estruturas onde nós, como cristãos, vivemos e devemos continuar a prática de Jesus.

A opção hermenêutica leva o A. a ler, simbolicamente, muitas passagens do evangelho. Os magos são representantes de “todos os povos que esperam ardentemente pelo rei justo, pelo governante que os libertará dos inimigos e os ensinará a viver na justiça e no direito” (27s). Milagre seria toda “ação que liberta” (74). O mar agitado (Mt 14,22-33) “significa a resistência dos discípulos, e a resistência de todos nós em compreender que o projeto de Deus é para todos, e não apenas para nós” (102). O terremoto, por ocasião da Ressurreição, “é sinal de que chegou para todos o reinado da justiça” (201).

Os 48 tópicos deste volume foram publicados, originalmente, em *Bíblia-Gente*, subsídio semanal, de larga difusão nacional, destinado aos grupos de reflexão bíblica. A linguagem é leve e agradável, como convém aos destinatários originais. Os tópicos são breves, esquemáticos, concluídos sempre com uma série de perguntas “para refletir em grupo”.

Não se esquecendo de que se trata de “uma” pista para a leitura de Mt, este volume poderá ser um material muito útil para as escolinhas bíblicas que se multiplicam nas CEBs. Sugiro que, nesta circunstância, o texto seja enriquecido com a explicitação do contexto da comunidade mateana e a indicação de outras linhas teológicas que perpassam o Evangelho.

J. V.

Fé, política e cultura. Desafios atuais/Cristovam Buarque... (et al.). — São Paulo: Paulinas, 1992. 111 pp., 18 x 12 cm. (Perspectivas pastorais)

Este pequeno livro insere-se na coleção *Perspectivas Pastorais*, levada pelo Instituto Nacional de Pastoral da CNBB, ainda que este não lhe queira dar caráter oficial.

Os presentes trabalhos foram apresentados inicialmente num Encontro de Profissionais e Intelectuais Cristãos, realizado em Belo Horizonte, em agosto de 1990, onde se discutiu a temática da relação entre fé, política e cultura.

São textos breves. O mínimo que se pode dizer deles é que são extremamente iluminadores, preparados por pessoas altamente competentes. Lêem-se com imenso gosto. Prendem a atenção do início ao fim. Todos os trabalhos têm valor, mesmo aqueles com poucas páginas. São material ótimo para discussões de grupos interessados em pensar o agir do intelectual cristão no mundo de hoje.

Cristovam Buarque aponta equívocos da esquerda, sempre a trabalhar a agenda traçada pela direita, inclusive agora na discussão do neoliberalismo, em vez de pensar

projeto realmente alternativo para além das denúncias e promessas vagas. As esquerdas perderam a noção da pauta do povo. O texto é muito resumido, já que ele remete a um trabalho mais longo do autor (*A desordem do progresso*, Paz e Terra, 1990). Mesmo assim aponta a direção de ir à vida real do povo e daí pensar a alternativa.

J. Vervier indica elementos muito pertinentes para pensar a categoria pobre, ultrapassando os limites economicistas ou o discurso retórico piedoso. Aponta dilemas a serem enfrentados e uma pauta a ser negociada a fim de superar o problema agudo da pobreza.

Manfredo de Oliveira, que se firma como um dos filósofos cristãos de maior envergadura no país, passeando pelo ideário habermasiano, apresenta uma fundamentação filosófica para a ética desde a ação comunicativa. Trabalha com o método pragmático-transcendental-dialético nas pegadas de K.-O. Apel e C. Cirne Lima.

Rogério Valle, partindo de reflexões weberianas sobre modernização como racionalização, tenta superar a dicotomia pensar e agir, fé e ação. Trilha com originalidade, inteligência e pertinência percurso teórico inspirado em J. Habermas.

Maria Clara L. Bingemer com elegância, numa perspectiva do pensamento transcendental de sabor rahneriano, joga com a trilogia: saber, sabor, sabedoria. Articula também com muita beleza e fineza saber e fazer. Todo o texto está banhado pela presença teológica da fé, em íntima e transparente articulação com a razão.

Luiz Alberto Gómez de Souza, depois de apresentar rápido histórico do agir do intelectual cristão nas últimas décadas, termina abrindo perspectivas e interrogações para a década de 90.

Os textos cativam pela mordência. Alimentam pela densidade. Deixam o leitor deseioso de entrar por essa temática com gosto. E sobretudo deixam atrás de si uma réstea de esperança e de desafio para o intelectual cristão, indicando-lhe uma pauta ousada. Textos estimulantes e não paralisantes.

J.B.L.

PIPOLLO, Miguel — MARINI, Luciano: *A Bíblia e o trabalho*. — São Paulo: Loyola, 1991. 71 pp., 21 x 14cm. (Coleção: mundo do trabalho; 1) ISBN 85-15-00326-0 (Co-edição: Secretariado Nacional de Pastoral Operária, Duque de Caxias - RJ)

CUNHA, Rogério I. A.: *Trabalho — Um caminho para Deus*. — São Paulo: Loyola, 1991. 61 pp., 21 x 14cm. (Coleção: mundo do trabalho; 2) ISBN 85-15-00327-9 (Co-edição: Secretariado Nacional de Pastoral Operária, Duque de Caxias - RJ)

SECRETARIADO NACIONAL DE PASTORAL OPERÁRIA: *A Igreja e os trabalhadores*. — São Paulo: Loyola, 1991. 46 pp., 21 x 14cm. (Coleção: mundo do trabalho; 3) ISBN 85-15-00328-7 (Co-edição: Secretariado Nacional de Pastoral Operária, Duque de Caxias - RJ)

A Coleção *Mundo do Trabalho* organizada pela CPO (Comissão Pastoral Operária) fornece um subsídio para a reflexão de um tema muitas vezes complexo e conflitivo na pastoral da Igreja, a relação entre fé e compromisso do cristão frente ao mundo do trabalho.

Foi editada em 1991, ano em que a Igreja do Brasil adotou na Campanha da Fraternidade o tema: "A fraternidade e o trabalho" e o mundo celebrou o centenário da histórica encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII.

Três fascículos compõem a coleção. O primeiro fascículo — *A Bíblia e o trabalhador* — elabora um resumo, descrevendo em grandes traços a vida e luta dos trabalhadores no contexto bíblico. Inicia a discussão caracterizando o trabalho no começo da história de Israel e conclui com a realidade dos trabalhadores no tempo de Jesus.

O segundo fascículo — *Trabalho, um caminho para Deus* — reflete o engajamento e o compromisso cristão na realidade do mundo do trabalho, como exigência natural da própria fé, principalmente quando a injustiça impera nas relações de trabalho. O luz da Palavra de Deus faz uma leitura da experiência do trabalhador: os desafios perante a opressão, suas esperanças e temores, sua forma de organização (política e sindical).

O terceiro fascículo — *A Igreja e os trabalhadores* — trata da Doutrina Social da Igreja. Faz uma síntese, num quadro sinótico, dos posicionamentos mais importantes da Igreja sobre o trabalho desde a encíclica *Rerum Novarum* à *Sollicitudo Rei Socialis* de João Paulo II. Partindo dessa visão geral, faz uma explicação, na segunda parte do livro, acerca dos documentos da Igreja sobre o trabalho.

De forma criativa e simples, a coleção — que soma apenas 180 páginas — traduz temas teológicos numa linguagem acessível e interessante, que prende o leitor, sem cair, no entanto, na superficialidade. Aborda temas difíceis, como por exemplo, a definição do termo "Doutrina Social da Igreja" (III, 23) e a relação entre fé e vida na experiência cotidiana do trabalhador, recorrendo para isso à narração de uma história do dia-a-dia de um casal de trabalhadores (II).

É um material que proporciona uma boa leitura, e que pela sua didática, pode ser utilizado para grupos de reflexão na pastoral.

Antonio Augusto Nogueira Matias
